

A TOPONÍMIA DA ROTA DA *RETIRADA DA LAGUNA*: MARCAS DA HISTÓRIA NA NOMENCLATURA GEOGRÁFICA¹

Carla Regina de SOUZA (PG/ UFMS/ FAFS)²

RESUMO: Este trabalho centra-se no estudo dos topônimos rurais e urbanos de Bela Vista, de Jardim, de Guia Lopes da Laguna e de Nioaque, municípios sul-mato-grossenses que fizeram parte do percurso da *Retirada da Laguna* (maio/ junho de 1867). Demonstra-se que a deriva de valores, de crenças e de expectativas dos grupos sócio-lingüístico-culturais pesquisados reflete-se no processo de designação do espaço geográfico. Consta-se o quanto heróis destemidos e acontecimentos ligados à Guerra do Paraguai passaram a motivar denominadores no batismo dos acidentes que os cercavam, com o intuito de cristalizar a memória histórica dessa faixa de território que atualmente pertence ao estado de Mato Grosso do Sul.

ABSTRACT: This work has as a purpose to analyze of rural and urban toponyms from Bela Vista, Jardim, Guia Lopes da Laguna and Nioaque, municipalities in the state of Mato do Grosso do Sul that had their history marked by the War of Paraguay. The selection of such municipalities took into consideration the return of Brazilian soldiers and civilians from Laguna (PY) back to Brazilian lands, between May 8th and June 4th in 1867. In short, the research revealed that the derivation of values, beliefs and expectations of the researched sociolinguistic-cultural groups is reflected in the process of naming the geographic space. It was proved how fearless heroes and events related to the the conflict motivated the process of naming the places around them, thus intending to preserve the historical memory of this strip of territory that nowadays belongs to the state of Mato Grosso do Sul.

1. Introdução

Em virtude de ocupar um determinado espaço físico e precisar se dispor geograficamente nesse meio, o homem tem a necessidade de nomear o ambiente físico-social que o cerca, sendo esta uma condição *sine qua non* para a garantia de sua própria sobrevivência. Por meio da Toponímia, ramo da Onomástica que tem por objeto de estudo o exame da origem e do significado dos nomes dos lugares, pode-se analisar a estreita relação que se estabelece entre o homem e os topos que designam o espaço que o circunscreve. Em decorrência dos meios de expressão comuns a uma sociedade, que abrangem não só o acervo vocabular, mas o seu uso propriamente dito, a Toponímia resgata a substância de conteúdo que cada topo carrega consigo, independente da sua natureza (ISQUERDO, 1996, p.80).

Trata-se de uma área de investigação que se pauta no pressuposto de que a nomeação de um lugar não se dá de forma aleatória nem tão pouco despropositada. Ao contrário, pode revelar informações acerca da língua em uso na região pesquisada, dos costumes e valores que regem as condutas dos falantes, das influências culturais propiciadas a partir do contato com outros grupos étnicos que ali se instalaram, bem como de acontecimentos históricos considerados relevantes para o grupo focado. O topônimo tem o *poder mágico* de sedimentar o olhar do denominador no momento em que exerce a prerrogativa que o diferencia de qualquer outro ser: a capacidade de pensar, escolher e difundir aquilo que julga importante naquele instante.

Sabendo-se que o estado de Mato Grosso do Sul tem suas tradições alicerçadas pelos intercâmbios fronteiriços, pela biodiversidade ecológica e pela influência dos diferentes povos que colonizaram a região e para ela imigraram, visamos a abordar as diversificadas representações culturais e sociais dos sul-mato-grossenses sedimentadas por meio dos topônimos. Este trabalho contempla alguns topônimos rurais e urbanos de quatro municípios de Mato Grosso do Sul, cujas histórias estão ligadas ao episódio da Guerra do Paraguai³: Nioaque, Guia Lopes da Laguna, Jardim e Bela Vista a fim de demonstrar uma amostra da análise

¹ Este trabalho é resultado da Dissertação de Mestrado *Toponímia e Entrelaçamentos Históricos na Rota da Retirada da Laguna* orientada pela Dr^a. Aparecida Negri Isquerdo (UFMS/UEL/CNPq), apoiada e financiada pela Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul – FUNDECT -, e defendida em março de 2006 no Programa de Pós-graduação *strito sensu* da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS- Campus de Três Lagoas.

² Departamento de Língua Portuguesa/ Lingüística. Programa de Graduação em Letras. Faculdade de Fátima do Sul (FAFS). E-mail: carladirlet@hotmail.com

³ - Acontecimento histórico que se deu com a invasão dos paraguaios às terras da Província do Mato Grosso (1864/1870) devido o enfrentamento entre a Tríplice Aliança (Argentina, Brasil e Uruguai) e o Paraguai por interesses políticos e econômicos.

dos signos topônimos que nomearam e nomeiam os acidentes físicos e humanos localizados na rota percorrida pelos retirantes em 1867, quando, no decorrer do conflito platino, marcharam de Laguna (PY) até Nioaque (BR). Objetiva-se apurar os condicionantes sócio-históricos que influenciaram o designador/enunciador no ato do batismo desses acidentes no que tange aos rastros deixados pela Guerra na toponímia das localidades pesquisadas, recuperando os extratos lingüísticos dos topônimos recolhidos e estabelecendo a relação entre dados históricos e fatos lingüísticos levantados por meio da análise dos topônimos catalogados.

Para tanto, vale lembrar que a análise da motivação toponímica relacionada a esses designativos foi alicerçada, fundamentalmente, em informações de natureza histórica, uma vez que o processo de nomeação estende-se desde o século XIX. Assim, o contato com o denominador só se tornou possível quando tivemos acesso ao maior número de documentos e informações registradas, ao longo dos anos, sobre a história destas cidades. Em vista disso, para a seleção do *corpus* foram utilizados como fonte primária mapas dos municípios estudados produzidos pelo IBGE (2002), com escala de 1:100.000, e, como fontes secundárias, plantas/mapas antigos, atas das Câmaras Municipais, obras sobre a história regional, particularmente a *Retirada da Laguna*, de Visconde de Taunay (1976) e o mapa da rota da *Retirada* adaptado por Figueiró e Mattos (2003). Fundamentaram a pesquisa os princípios teórico-metodológicos da Toponímia e de disciplinas afins tais como a Lexicologia, a Semântica, a História e a Geografia, e os dados foram disponibilizados com base no modelo taxionômico de classificação dos topônimos proposto por Dick (1992).

Vale a pena, antes de tratarmos especificamente das marcas históricas na nomenclatura geográfica das localidades que fizeram parte da Rota da *Retirada da Laguna*, abordar alguns princípios básicos que norteiam qualquer estudo toponímico.

2. O desvendar de um topônimo: algumas considerações

Qualquer tentativa de descrever a linguagem de um grupo social resulta no conhecimento das bases culturais em que ele se assenta. Partindo do estudo do topônimo, nome geográfico próprio de um lugar, pode-se descobrir aspectos do *modus vivendi* de cada comunidade lingüística, já que toda movimentação lexical de uma língua deve ser encarada como um fato que ultrapassa o simples ato da fala e se configura num fato social de grande importância. Ainda que o denominador selecione um topônimo já existente, ao se fazer uma escolha em um leque de opções, já demonstra o seu caráter intencional e motivador, os seus valores ideológicos. Assim, *dizer-se que a Toponímia reflete de perto a vivência do homem enquanto entidade individual e enquanto membro do grupo que o acolhe, nada mais é que reconhecer o papel por ela desenvolvido, no ordenamento dos fatos cognitivos* (DICK, 1990, p.19). Esse fenômeno pode ser verificado, por exemplo, na utilização da designação *Nossa Senhora de Fátima* para identificar uma propriedade rural instalada em um município em que esta santa seja padroeira. No caso, esse nome não foi eleito aleatoriamente, já que tende a difundir a devoção e o respeito que os fiéis dedicam a esse hagiológico romano.

Tolhido, na maioria das vezes, dos elementos que possam esclarecer a real intencionalidade manifesta na denominação em análise, o pesquisador tende a decifrar as tessituras de um topônimo sob dois planos: i) o objetivo ou extrínseco, pelo qual, a partir das circunstâncias exteriores de natureza ambiental do acidente físico, procura respaldo para justificar a escolha do nome; ii) os subjetivos ou intrínsecos, em que a maneira de “perceber” e de “sentir” o local e o vínculo estabelecido entre o topônimo e o indivíduo não só são explicitados, como também são apontados como a(s) causa(s) motivadora(s) da denominação do acidente (DICK, 1992, p.55). É, pois, na graça de revelar a “faceta personalíssima” do homem, que, no momento do batismo, foi materializada naquela designação, que o estudioso da toponímia busca forças para cumprir a sua tarefa. Procura o nexos causal, ora nas peculiaridades ambientais do próprio território em que o acidente está localizado, ora nas tendências e costumes dominantes na época da nomeação. No primeiro caso, considera que, principalmente antes da chegada dos europeus ao Brasil, costumava-se a contemplar às impressões que as reservas hídricas ou a topografia despertavam em seus habitantes por meio de um denominador básico como *córrego*, *vale*, *rio*, dentre outros, acrescido da indicação e características como a *cor*, o *volume* e a *extensão* do acidente; ora nas tendências e costumes dominantes na época da nomeação. Já na segunda perspectiva, a fim de se resgatar aspectos psíquico-sociais do denominador ou do grupo a que pertence, que provavelmente possam ter motivado o signo toponímico. Quanto à dificuldade de se estratificar o nome de lugar sob o plano subjetivo, Dick (1992, p.56) argumenta que,

muito embora se tenha consciência de que, uma vez denominado um lugar, esta denominação ganha tom de especificidade, desvinculando-se de seu doador para alcançar

uma autonomia *sui generis* a ponto de não mais se confundir com aquele que primeiro a empregou, podendo ser encarada, daí por diante, pelos seus próprios contornos lingüísticos, o vínculo parece permanecer quase numa situação de dependência da vontade individual, tantos são os retornos e recuos até ela, para se atingir o nível pragmático de sua simbologia.

Ainda que desafiadora, verifica-se, pois, que a Toponímia é uma disciplina dinâmica e de caráter amplo, não só por não limitar a sua investigação aos aspectos lingüísticos e à categorização dos nomes, mas também por se voltar para o estudo das motivações que impulsionaram o denominador no ato da nomeação. Daí manter interface com outras áreas de conhecimento como a História, a Geografia, a Antropologia, a Etnolingüística. Assim, por meio de investigações toponímicas, podemos descobrir áreas de colonização, o percurso de línguas até então fadadas ao esquecimento, a memória de um grupo, entre outros fatores. Salazar-Quijada (1985, p.18), por exemplo, a define como “aquella rama de la Onomástica que se ocupa del estudio integral, en el espacio y tiempo, de los aspectos: geo-históricos, sócio-económicos y antropolingüísticos, que permiten que un nombre de lugar se origine y subsista”⁴.

Logo, ao considerarmos o processo de colonização da porção sudoeste⁵ do estado de Mato Grosso do Sul, descobrimos a influência de povos indígenas e conseqüentemente de sua língua na toponímia da área em questão, sobretudo na nomeação dos acidentes físicos. O resgate não só da etimologia dessas designações, mas também da história que envolve o próprio processo semântico gerador dos nomes, é imprescindível e inevitável para a recuperação de suas motivações.

Como se observa, o fenômeno motivador dos topônimos pode configurar perspectivas sincrônicas e diacrônicas. Nesse sentido, percorrer as trilhas da *Retirada da Laguna* significa perpassar pela história e pela memória daqueles que ali se estabeleceram em busca de aventura e de possibilidades de realização de seus sonhos, além de se ter resgatado aspectos da visão de mundo que os povos indígenas que por ali transitavam lançavam sobre tudo aquilo que os cercavam.

Baseando-se em dois documentos de natureza histórica, a obra *Retirada da Laguna*, de Taunay (1978) e o documento elaborado Figueiró e Mattos (2003), e nas folhas cartográficas do IBGE (2002), demonstraremos a seguir alguns topônimos que retomam fatos históricos significativos relacionados às cidades sul-mato-grossenses ligadas à Guerra do Paraguai. Em vista disso, consideramos a ordem cronológica do período percorrido pelos retirantes, tomando-se como fio condutor para a sistematização dos topônimos os relatos de Taunay (1978). Apresentaremos alguns desses nomes que nos conduzirão a um caminhar pela história.

3. Entre tropeços e conquistas: os entrelaçamentos históricos entre a Guerra do Paraguai e os municípios do MS.

Durante vinte e oito dias, índios, pioneiros, soldados e comandantes do Exército brasileiro lutaram e caminharam por vezes em terras “nunca dantes desbravadas” a fim de alcançarem a Vila de Nioaque, onde os moribundos combatentes acreditavam encontrar principalmente alimentos e condições básicas para o restabelecimento físico e bélico das tropas para o suposto enfrentamento dos inimigos.

08 de maio de 1867

Em território paraguaio, a margem esquerda do rio Apa, as tropas brasileiras se encontravam na fazenda Laguna em busca de gado. Em suas proximidades, estava o acampamento paraguaio *Islã Akãrabelo*, que fora saqueado pelos brasileiros há dois dias atrás. Iniciava-se a *Retirada*. No fim da tarde avistaram o Morro Margarida e o Forte de Bela Vista, mas foram obrigados a cessar a caminhada porque a ponte construída sobre o Ribeirão Apa-mi havia sido explodida. Na ocasião tiveram que pernoitar nas margens do Apa-mi enquanto os engenheiros reconstruíam a passarela (TAUNAY, 1978, p.77).

⁴ - “Aquele ramo da Onomástica que se ocupa do estudo integral, em um espaço e tempo, dos aspectos: geo-históricos, sócio-econômicos e antropolingüísticos, que permitem que o nome se origine e subsista” (TN).

⁵ O estado de Mato Grosso do Sul está dividido em onze Micro-regiões Geográficas (MRG), à MRG 9, denominada de Bodoquena, estão aglutinados os municípios contemplados nesta pesquisa: Bela Vista, Jardim, Guia Lopes da Laguna e Nioaque, o localizados na porção sudoeste do território sul-mato-grossense ([www.uniderp.br/Atlas- Atlas Geográfico Digital de Mato Grosso do Sul](http://www.uniderp.br/Atlas-Atlas%20Geogr%C3%A1fico%20Digital%20de%20Mato%20Grosso%20do%20Sul). Acessado em 02 de Fevereiro de 2005, 5:12h)

Observando o relato do espaço físico ocupado pelos retirantes em 08 de maio de 1867, constatam-se as funções precípuas dos signos toponímicos: a especificação e a identificação de lugares (DICK, 1992, p.19). Este fenômeno pode ser verificado quando recuperamos a própria designação atribuída à caminhada realizada pelos brasileiros no período de 08 de maio até 04 de junho de 1867, a *Retirada da Laguna*.

O percurso se inicia ainda em território inimigo. *Laguna* era a designação da fazenda que tinha uma das suas extremidades definida pelas águas do Rio Apa. É válido pontuar que, desde a época em que Dr. Francia governava o Paraguai (1814- 1840), acreditava-se que esse acidente hidrográfico era quem estabelecia o limite entre as duas nações. Um documento enviado ao Império do Brasil, em 1826, traz prova dessa delimitação. Solicitava-se, por meio dele, ressarcimento aos prejuízos causados pelos guaicurus habitantes da região de Bodoquena, considerada território brasileiro, que teriam atravessado o rio Apa e depredado bens dos vizinhos paraguaios (GUIMARÃES, 1998, p.78).

A tropa brasileira, na expectativa de poder recuperar o gado que havia sido levado pelos inimigos, com base em informações fornecidas por refugiados, marchou até a Fazenda *Laguna*, tomando e saqueando o acampamento paraguaio *Islã Akārabelo* em 06 de maio de 1867. Constatando não haver alimento nem munição, após dois dias, resolvem retornar ao Brasil (GUIMARÃES, 1998, p.79).

A fazenda fora assim chamada provavelmente em decorrência do lago que ali existia e que em épocas de chuvas constantes transbordava e dificultava a passagem daqueles que ali pretendiam caminhar. Etimologicamente o termo *Laguna* é oriundo do latim *lacúna, ae* que significa lagoa, lamaçal, brejo (CUNHA, 1996, p.462). Faz referência a uma depressão composta por água que, neste caso, pode ter sido formada por ser uma embocadura do rio Apa. Na Toponímia é comum detectarmos acidentes físicos como causas motivadoras dos topos, principalmente na área rural em que esse fenômeno torna-se mais recorrente. Trata-se de um *hidrotopônimo* por ser resultante de um acidente hidrográfico que possivelmente tenha servido de inspiração ao denominador tanto da fazenda quanto daquele que nomeou a saga vivenciada pelos brasileiros no retorno às terras de seu País. Se observarmos a própria estrutura morfológica da palavra *Retirada* (re+ tira+ ada) encontramos no prefixo *re-* a noção de retrocesso, retorno (HOUAISS, 2001).

Faz-se necessário registrar que as tropas brasileiras, para alcançarem o acampamento inimigo, tiveram que transpor os córregos *Arroyo Primeiro* e *Arroyo San Lourenzo*, no Paraguai (FIGUEIRÓ; MATTOS, 2003, p. 25).

Naquele dia pretendiam, ainda, os combatentes chegar a terras brasileiras, mas encontraram, principalmente nesses córregos, dificuldades que os impediram de alcançar seus objetivos. Eis o relato de Taunay (1978, p. 77) acerca desse fato:

Às sete da manhã, o corpo de caçadores desmontados a quem competia o turno da vanguarda, abriu a marcha, tendo a seguir bagagens e carretas, circunstâncias que nos impediu de transpor facilmente um riacho pelas chuvas dos dias antecedentes. Caindo um de nossos canhões à água só o tiramos com grande dispêndio de tempo e esforços.

Sabendo-se que se trata de pequenas correntes de água, ainda que aparentemente não configurassem uma ameaça, a travessia era um grande desafio para aquele famigerado grupo de homens que lutavam, sobretudo, contra a fome. A *Fazenda Laguna* hoje é denominada *Fazenda Arroyo Primeiro*, encontrando no acidente físico, a motivação para a sua própria existência (FIGUEIRÓ; MATTOS, 2003, p. 25).

O topônimo *San Lourenzo*, por sua vez, está prestando homenagem ou a um santo do hagiológico romano ou a uma pessoa que tenha em algum instante sido extremamente importante para aquele lugar a ponto de ser elevada a categoria santificadora, caso em que, segundo o modelo taxionômico proposto por Dick (1992), seria classificado como um *hagiotopônimo*. Lima (1997, p.422) propõe para esse tipo de fenômeno uma divisão dessa taxa em dois subitens: os *hagiotopônimos autênticos*, que recuperam um santo ou santa aceitos e aprovados pelos dogmas da Igreja Católica Apostólica Romana, e os *aparentes*, que prestam tributos a um fundador ou uma pessoa influente da localidade. Logo, por não dispormos de informações suficientes que nos esclareça qual a real motivação desse nome, optamos por classificar *San Lourenzo* como *hagiotopônimo autêntico*, já que nos parece mais coerente, neste caso, considerar a alternativa que nos dê mais respaldo para a justificativa da escolha dessa designação. A relevância da taxa dos *hagiotopônimos* é assim enfatizada por Dick (1990, p.311):

A razão de ser dessa toponímia de origem religiosa encontra no homem, ou no denominador, a sua expressividade, objetiva e concreta. Legítimo produto de uma mentalidade de época, liga-se a todo um processo subjetivo de reflexão muito mais

próxima, portanto, do intangível, que das manifestações reais do mundo sensível a cercar o ambiente natural onde o indivíduo se mantenha.

Já no topônimo *Arroyo Primeiro*, o denominador ao tomar como parâmetro uma escala numérica utilizada freqüentemente em nosso cotidiano, por meio do número ordinal “primeiro”, está sugerindo o grau de importância que esse córrego representa para aquela região. Trata-se de um *numerotopônimo*, uma categoria taxionômica “autônoma” que “fala por si só, não sendo preciso acrescentar maiores dados a não ser aqueles relativos à pesquisa mesma e que, em última análise, vêm comparar a existência do fato genérico” (DICK, 1990, p. 351).

Por ser um produto do psiquismo humano, que encontra respaldo nos valores culturais e sociais de cada falante e não no meio físico propriamente dito, *Arroyo Primeiro* pode ser um nome motivado não necessariamente por circunstâncias ambientais, mas sim por aspectos subjetivos que tenham animado o denominador no ato do batismo.

Retomando o percurso da *Retirada da Laguna*, após a travessia dos córregos, os combatentes brasileiros seguiram a marcha rumo ao Forte de Bela Vista. Sucessivamente foram atacados pelas tropas paraguaias que destruíram a única ponte, à vista, que havia sobre o Ribeirão *Apa-mi*, ainda em território inimigo, forçando-os a permanecer naquele lugar.

Morfologicamente *Apa-mi* tem formação híbrida resultante do processo de composição por justaposição que combinou uma lexia de origem tupi (*apa*) e outra oriunda do guarani (*mi*). *Apa* é forma adjetival que caracteriza aquilo que é desmoralizante, desabado (SAMPAIO, 1987, p.153), enquanto *mi* pode configurar tanto um sufixo verbal de súplica, como um particípio de um verbo auxiliar ou pode formar um grau do imperativo. Se for utilizado como um monossílabo tônico, *mi* pode significar pequeno, miúdo, prolixo (SAMPAIO, 1986, p. 104).

Sabendo-se da existência do *Rio Apa*, que é considerado um dos marcos da fronteira entre o Brasil e o Paraguai, há a possibilidade de ter havido uma adaptação fonética do item lexical *mi*, ao ser incorporado à língua portuguesa, hipótese que surge se passarmos a estabelecer uma comparação entre esses dois acidentes físicos, no que tange, por exemplo, à extensão e à largura. A busca de informações em registros históricos do século XIX poderá subsidiar a confirmação ou não dessa hipótese⁶.

Consideramos um desafio a possível elucidação da motivação toponímica desse acidente, haja vista já termos detectado versões controversas para o caso. Gonsalves (2004, p. 82), por exemplo, apoiando-se em Mello (1968) e tomando por base trechos de cartas escritas pelo capitão Francisco Rodrigues ao governador de Mato Grosso em 1801, apura referências ao rio Apa como uma adaptação de *rio Lapa*, como o acidente era chamado pelos portugueses; e, baseando-se em Holanda (1986, p.57), registra que o rio Apa provavelmente seja de origem guaikuru e que anteriormente a esse nome teria sido nomeado de rio Tepoti. Todavia, a despeito dessas controversas assinaladas pela pesquisadora, com base nas informações de Arnaud Sampaio (1987, p.153), *Apa* foi aqui classificado como um *animotopônimo* enquanto o outro, o *Apa-mi*, foi considerado um *dimensiotopônimo* em relação ao acidente que tenha motivado a escolha do denominador.

Já *Margarida* foi o nome dado ao Morro que, ainda em território inimigo, os combatentes avistavam. Oriunda do latim *margarita,ae*, é uma designação comum de numerosas plantas pertencentes à família das compostas, sendo também reconhecida pela sua beleza em épocas de inflorescência (HOUAISS, 2001). Dada a própria natureza etimológica, foi aqui considerada um *fitotopônimo*, porém, dentre as fontes consultadas não conseguimos apurar de fato qual teria sido a real motivação do denominador para a escolha dessa denominação.

Bela Vista, por sua vez, é um topônimo recorrente na região pesquisada que designou tanto o Forte que se encontrava situado à margem direita do Rio Apa (Brasil), quanto os municípios brasileiro e paraguaio batizados com esse nome que se localizam nas proximidades desse rio (GUIMARÃES, 1998, p. 74).

Derivada do latim *bellus*, *Bela* se refere àquilo que tem forma e proporções esteticamente harmônicas, enquanto *Vista*, que é a forma feminina de visto, retoma a capacidade que se tem de registrar a imagem captada pelos olhos por meio do uso de um dos nossos cinco sentidos (CUNHA, 1996, p.105).

Sendo uma região tipicamente formada pela vegetação do cerrado e por ter um solo com predomínio de calcário, *Bela Vista* tinha uma paisagem constituída de árvores relativamente baixas, distribuídas em meio a arbustos e a gramíneas, constituindo-se assim um local propício tanto para pastagens de gado quanto para os labores agrícolas (RAVAGNANI; RASLAN, s.d, p.12-13). Como se verifica, esse sintagma toponímico,

⁶ - Essa busca diacrônica, por ora, não foi contemplada dentre os objetivos desta pesquisa pela inviabilidade da execução da tarefa, no prazo regulamentar para conclusão da Dissertação.

por materializar as impressões positivas que o denominador provavelmente tenha tido diante do cenário natural que viu, pode ser classificado como um *animotopônimo*.

11 de maio de 1867.

Travessa do rio Apa que durou cerca de 04 horas. Ao meio dia as tropas foram surpreendidas pela artilharia paraguaia. Estava instituída naquela ocasião a batalha mais feroz e sangrenta do percurso da Retirada da Laguna. O combate de Nhandipá resultou em mais de 230 homens mortos (brasileiros e paraguaios). A fim de prestar uma homenagem àqueles que lutaram firmemente pela sua pátria, o Major Martim Urbieta fincou uma grande cruz naquele local, sem saber que na verdade estava estabelecendo o marco inicial da cidade de Bela Vista, no Brasil. No fim da tarde, os brasileiros acamparam perto do córrego José Carlos, na fazenda Machorra (TAUNAY, 1978, p.92-95).

O enfrentamento entre os patriotas brasileiros e os paraguaios, que resultou na própria fundação da cidade de Bela Vista no Brasil, se deu por meio da batalha *Nhandipá*. Por isso torna-se interessante analisarmos a designação atribuída a esse conflito. *Nhandi* (*nhã-di*) significa a seiva, o líquido que escorre, o látex, o grude (SAMPAIO, 1987, p.274) e *pa* refere-se, dentre outros, àquilo que está concluído, acabado (SAMPAIO, 1986, p.122). O primeiro formante da designação é de origem tupi, enquanto o outro advém do guarani. A junção das duas partículas resultou numa palavra híbrida que exterioriza o sentimento daqueles que estiverem presente na localidade naquela data. Vejamos um trecho de Taunay (1978, p. 92 e 95) sobre este dia:

A esta cena de entusiasmo e alegria (fim da batalha), outra se seguiu de desolação. Estava o terreno coalhado de moribundos e feridos inimigos. Vários de nossos soldados, ébrios da pólvora e do fogo, queriam acabá-los. Horrorizados, debalde esforçavam-se os nossos oficiais em lhes arrancar as vítimas às mãos [...] Perderam os paraguaios 184 homens, número inscrito numa grande cruz que, por ordem do Major Urbieta, ali se fincou [...] Tal foi o combate de 11 de maio, o mais importante da Retirada.

Mais de 230 homens foram mortos nesse combate, um episódio tão trágico que marcou eternamente o solo bela-vistense. Podemos classificar *Nhandipá* como um *sociotopônimo*, já que a sua motivação encontra respaldo, sobretudo, na atuação de soldados e capitães que naquele dia exerciam as suas respectivas funções em prol da preservação dos interesses da Pátria, passando o episódio a configurar-se como um marco histórico para ambos os países.

Ao findar-se a batalha, os combatentes continuaram a caminhada, seguindo as orientações do Guia. Passaram pelas proximidades do córrego *Sombrero* até alcançarem o córrego *José Carlos* (FIGUEIRÓ; MATTOS, 2003, p.24).

Sombrero, unidade lexical da língua espanhola, significa *chapéu* (GUASCH; ORTIZ, 2001, p.452) e como tal pertence à categoria dos *ergotopônimos*, ou seja, trata-se de um acidente físico inspirado em um objeto pertencente ao mundo cultural dos seres humanos (DICK, 1992, p.33). A motivação para a escolha dessa designação, pela própria natureza taxionômica, pode estar relacionada ao utensílio que faz parte do cotidiano da grande maioria de grupos humanos. Se pesarmos a importância que os espanhóis, os tropeiros, os bandeirantes, dentre outros, tiveram, ainda que em períodos diferentes, na colonização e na própria descoberta e reconhecimento das terras da porção sudoeste do atual estado do Mato Grosso do Sul, verificaremos que o *chapéu* fazia parte das vestimentas dos desbravadores, utilizado como forma de proteção do sol, do sereno e até mesmo da chuva, podendo, então, dada a sua relevância, ter servido de inspiração para o denominador no ato do batismo deste acidente.

Nesse sentido, Imbelloni (apud DICK, 1990, p.353) acredita que a civilização constitui-se pelo desenvolvimento das faculdades psíquicas do homem, que lhe permitem, mediante o enriquecimento das invenções materiais, do acúmulo de riquezas, da divisão de trabalho, dos conhecimentos e experiências, da estratificação das classes, dentre outros aspectos, que seus valores morais, sociais, religiosos, por exemplo, possam estar refletidos nas mais diversificadas atuações humanas. O *chapéu* com certeza representa um dos grandes feitos do homem em termos de avanços técnicos e dada a sua proeminência pode ter sido tomado como parâmetro para a nomeação desse córrego.

Próximo ao córrego *Sombrero* encontramos a Fazenda *Dois Corações*⁷. Por ser um designativo marcado por um adjetivo numeral que não mantém nenhuma vinculação com as circunstâncias nacionais ou religiosas que pudessem justificar a sua classificação como um historiotopônimo, por exemplo, e em decorrência da sua própria natureza semântica, podemos afirmar que se trata de um *numerotopônimo*.

Quanto à designação Fazenda *Machorra*, é interessante fazermos algumas ressalvas de natureza histórica, antes de analisar o topônimo morfo e etimologicamente, a fim de vislumbrarmos a importância do referente designado por *machorra* na *Retirada da Laguna*. Como essa fazenda é situada em território brasileiro, a 10 Km de Bela Vista, a tropa optou por passar nessa localidade como uma estratégia política de defesa, já que no dia 11 de maio de 1867 o Coronel Camisão teria recebido notícias por meio de um de seus oficiais, o Tenente Vitor Batista, que da Colônia de Miranda viera ao seu encontro, de que nenhuma remessa de munições teria partido de Nioaque, mas um bom número de carretas carregadas de mercadorias poderia ser encontrado na Machorra (TAUNAY, 1978, p.85-86). O líder das tropas brasileiras assim arquitetou, segundo a narração de Taunay (1978, p.86), a estratégia de guerra:

E podíamos supor que os inimigos, preocupados conosco e com o que poderíamos fazer, ainda não se haviam dirigido para ali. Interromper a nossa marcha, para atrasar a deles, ficar além do Apa e fazer, entretanto, com que os mercadores tomassem o mais depressa possível a estrada de Nioac, tais foram, pelo que pudemos julgar, as idéias do Coronel (Camição).

Consideramos *Machorra* como uma composição morfológica composta, formada a partir da junção de dois itens lexicais oriundos do tupi (*ma+chorá*), que deu origem a um *animotopônimo* já que, segundo Theodoro Sampaio (1978, p.188), *chorá* significa correntoso, impetuoso, ruidoso e *ma* seria uma forma contraída de *mbaé* que, agregada a outros vocábulos, caracteriza-os como um objeto, uma coisa (1928, p.255). Ainda que tenha sofrido algumas adaptações fonéticas, diz-se *Machorra* para a fazenda que tinha em suas dependências um córrego que, pela força de suas águas, provocava a sensação de um pequeno, mas perigoso rio, o que para os moribundos soldados e civis, que lutavam diariamente contra o cansaço e a fome, tornava-se um desafio constante. Apesar de Houaiss (2001) registrar *Machorra* como fêmea estéril, incapaz de procriar, optamos por considerar a primeira classificação, haja vista que os elementos históricos que dispomos tendem a corroborar com tal decisão.

Sobre a chegada dos combatentes ao córrego José Carlos, atual córrego Machorra, Taunay (1978, p.102) descreve

Fomos esta tarde acampar perto de uma das cabeceiras do José Carlos. Contávamos poder, à vontade, nos dessedentar após um dia dos mais penosos, numa atmosfera escaldante. Mas ali, só encontramos água turva e descartável e como, por cima de tudo, tarde chegáramos a este triste pouso, com o sol a posto, nada tivemos para dar, nem água nem pasto aos nossos bois estafados e cujo olhar invocava a nossa compaixão.

Parece-nos que as peculiaridades do acidente físico tenham motivado o denominador a batizar essa propriedade rural com tal designação. Já o córrego *José Carlos* recebe esse nome em homenagem a José Carlos Botelho que, segundo registros históricos, por volta de 1847, *ocupava terras junto ao Apa [...] vizinhando com a Dona Senhorinha* (GUIMARÃES, 1998, p.77). Na declaração para registro de posse, a então viúva de Gabriel Francisco Lopes sentenciava:

Declaro que, desde o ano de 1846, principiei a cultivar uma posse de terras de lavoura e criação de gado no lugar denominado Apa, confinando ao norte com Ignácio Cândido, tendo limite a ponta de serra de Maracaju, ao poente com a posse de José Carlos Botelho; ao sul, pelo rio Apa, pelo nascente com a serra de Maracajú, cujo terreno tem três léguas em quadra (apud GUIMARÃES, 1998, p.77).

Desse modo, podemos classificar o córrego *José Carlos* como um *antropotopônimo*. Por registrar o nome de uma pessoa até então anônima, por meio de seu prenome, o topônimo o “imortaliza” apenas naquele lugar não sendo projetado em outras localidades pelo fato de não possuir nem a representatividade, nem a importância dos nomes históricos que tenham repercutido, por exemplo, nacionalmente (DICK, 1990, p. 295-296).

⁷ Esse topônimo foi catalogado a partir da consulta às cartas do IBGE (2002)

Outra fazenda que se encontra nas mediações limítrofes entre o Paraguai e o Brasil é a *Nova Querência*. Por meio da forma adjetival nova (do latim *novus*) imprime-se ao espaço nomeado não apenas a idéia de jovialidade, mas sobretudo, da esperança trazida na alma daqueles sulinos que decidiram desbravar as terras mato-grossenses, principalmente no período pós-guerra. A existência de campos propícios à criação de gado, semelhantes aos pampas gaúchos, chamou a atenção de soldados brasileiros que trataram de divulgar a boa nova aos corajosos, que desejassem se tornar pecuarista e grandes proprietários rurais. Assim, por volta de 1890, já estavam instalados na região de fronteira os primeiros gaúchos, que serviram de referência aos migrantes posteriores. Registra-se que o fluxo migratório aumentou após a Revolução Federativa, ocorrida no Rio Grande do Sul entre 1893 e 1895, já que, com a vitória do Partido Republicano, os oponentes federalistas viram-se obrigados a abandonar sua terra natal, pois se tornaram alvo de perseguições. Segundo Rodrigues (apud CORRÊA, 2005, p.47), *historiadores rio-grandenses calculam em dez mil o número de gaúchos vindos no final do século XIX e início do século XX para a região então assinalada como “Nova Querência”*. Por essas razões, o topônimo Fazenda *Nova Querência* foi classificado como *cronotopônimo*, por traduzir o espírito de garra, de coragem, de esperança e de ousadia típicas dos pioneiros e desbravadores quanto à expectativa frente ao *novo*. Nesse caso, a taxionomia adotada manteve um elo coerente entre o referente e as impressões que se tinha dele. No entanto, aproveitamos este espaço para registrar alguns dos embates enfrentados pelos pesquisadores quando têm que tomar algumas decisões, no que tange à classificação do topo analisado. Questionamos se, em casos como o das fazendas *Nova Encanto*, *Nova Esperança* e *Novo Bom Sucesso*, topônimos encontrados no município de Bela Vista que, a princípio, foram classificados como *cronotopônimos*, na verdade, não estariam muito mais motivados pelo *animo* do denominador do que pela indicação cronológica desses acidentes em relação a outros. Nas lexias *esperança*, *encantado* e *bom sucesso*, por exemplo, percebe-se que naturalmente trazem uma carga positiva capaz de expressar o sentimento de quem vê como possível a realização daquilo que se deseja. Não poderiam aqui ser classificados como *animotopônimos*? Ou melhor, *animotopônimos eufóricos*, conforme a proposta de Isquerdo (1996, p.118) que, ao pesquisar os designativos que se relacionam à vida psíquica e à cultura dos seringueiros do estado do Acre, subdividiu os *animotopônimos* em *eufóricos* e *disfóricos*. Os primeiros revelam o sentimento do denominador de admiração, de contentamento e de confiança frente à realidade, enquanto os outros cristalizam uma visão mais pessimista e negativa em relação ao referente nomeado. Essa classificação torna-se pertinente justamente por traduzir com nitidez as impressões daquele que designa um acidente no instante em que o processo de nomeação se configura.

24 e 25 de maio de 1867.

Mais de vinte soldados padecem. Estimava-se que cem homens já tinham sido perdidos por causa da cólera. Alguns combatentes e índios guaicurús se dispersaram da Retirada à procura de alimentação para a sua sobrevivência. Preferem sumir por entre as matas a ter que continuar aquela marcha que mais parecia a busca pela morte. Na caída da noite pararam sobre um cafezal. A peste não cessava. No outro dia, alcançaram as imediações onde nasce um córrego e tomou-se uma difícil decisão: em prol da saúde do restante da Coluna, abandonaram-se os coléricos no trecho que mais tarde será denominado pelos paraguaios de Cambarecê (TAUNAY, 1978, p.127-132).

Difíceis foram os dias 24 e 25 de maio de 1867. Decisões drásticas tiveram que ser tomadas. Diante da proliferação da cólera, o Coronel Camisão teve que tomar decisões drásticas que lhe renderam tamanha decepção que acabou levando-o à morte. Sobre esse coronel no tópico que analisará os *axiotopônimos*. Ao conduzir as tropas rumo a Nioaque, transpuseram as das Fazendas *Santa Eufrázia*, *Vitória* e *Capão Alto*. A designação da primeira delas foi classificada como um *hagiotopônimo aparente*, em virtude de esse santo não constar, segundo as fontes consultadas, no rol dos santos e santas da Igreja Católica (CONTI, 1990). *Vitória*, no entanto, que advém do latim *victoria*, *ae* (HOUAISS, 2001), sugere o êxito alcançado pelo proprietário, seja por adquirir essa fazenda, seja pela expectativa de sucesso em investimentos que nela forem realizados. Pelo exposto, pode-se perceber que se trata de um *animotopônimo eufórico*.

Já o sintagma composto *Capão Alto* vem corroborar resultados de pesquisa de Dick (1990, p.157) que documentou a grande incidência desse designativo em vários locais do Brasil. Oriundo do tupi *Kaa'pãu*, *Capão* é um substantivo masculino que designa *um pequeno bosque insulado num descampado* (CUNHA, 1996, p.150). Muito comuns na região em estudo, essas porções de vegetação, delimitadas em espaços geográficos não muito extensos, motivaram o surgimento do topônimo. Nesse caso, trata-se de um *fitotopônimo*, segundo a classificação proposta por Dick (1992). Na subdivisão proposta por Sampaio (apud DICK, 1990, p.148) acerca da Flora Brasileira, *Capão* enquadra-se na categoria Amazônica. *Alto* estaria

implementando e restringindo características peculiares a esse acidente, que o torna diferente e especial em relação a qualquer outro.

O trecho que liga a Fazenda *Capão Alto* ao córrego *Cambarecê* contempla atualmente o córrego *Barrinho* e a Fazenda *Cambarecê*.

Topônimo de índole mineral, *Barrinho* remete à natureza constitutiva do solo onde esse córrego está situado. Derivado da lexia *barro*, que contém os semas básicos que individualizam a composição desse tipo de solo, *Barrinho* foi classificado como um *litotopônimo*. A junção do sufixo *-inho* a *barro* demarca características ligadas à extensão do acidente físico nomeado.

Já os topônimos Fazenda e córrego *Cambarecê* têm a sua motivação toponímica justamente em um triste acontecimento que marcou definitivamente, tanto a história nacional quanto o lugar onde o episódio aconteceu. Segundo o relato de Taunay, a Coluna brasileira enfrentava naqueles dias, além de privações materiais em termos de alimentos e de instrumentos bélicos, “perturbações” psíquicas, já que frente a tantos problemas quase não encontrava mais motivação para continuar a batalha. Por causa da proliferação da cólera tiveram que abandonar mais de cem pessoas ao longo do caminho, a fim de preservar a saúde dos outros sobreviventes. Argumentavam os médicos que não haveria outra solução que não essa. Coronel Camisão, sem nenhuma alternativa, segue os conselhos médicos. Observemos a forma como Taunay (1978, p.132) narra esse lamentável fato:

todo, a cada momento, se entenebrecia em torno de nós. Nada mais digno de inspirar a simpatia e a compaixão do que o aspecto do Coronel, depois da ordem que dera [...] Certo é que, pálido como um espectro, parava, para ouvir, como involuntariamente. Por mais silenciosos e tristes houvessem sido os preparativos, não foi sem gritos e ruídos estranhos ao ouvido e cuja causa assombrava o espírito, que chegou o momento do abandono. A todos nós foi intolerável. Deixávamos entregues ao inimigo mais de cento e tinta coléricos, sob a proteção de um simples apelo à sua generosidade, por intermédio destas palavras escritas, sobre um cartaz pregado num tronco de árvore “Compaixão para com os coléricos!”

Estava evidente que dos inimigos nada se poderia esperar senão um sentimento de repúdio ao apelo ali deixado, mas foi a única forma encontrada para amenizar o sentimento de derrota que pairava sobre aquele lugar. A chacina humana foi inevitável e o córrego que ali se encontrava recebeu dos paraguaios a designação de *Cambarecê*.

Cambá, segundo a obra *O tupi na Geografia Nacional* (SAMPAIO, 1987, p.155), significa o negro africano. Dentre os dicionários consultados, não há registro da lexia *Cambarecê*, porém, encontramos em documentos históricos explicações sobre o seu significado. Guimarães (1999, p.277), por exemplo, fornece-nos o seguinte esclarecimento sobre o vocábulo em questão:

Embora fosse branco, o nosso soldado era chamado de negro pelos paraguaios [...] *Cambarecê* quer dizer “onde o negro chorou”, referindo-se aos pedidos de misericórdia que os coléricos abandonados naquele riacho fizeram aos seus perseguidores, para não serem mortos.

Por se tratar de um topônimo que expressa o espírito de angústia e a súplica das vítimas, foi aqui classificado como um *animotopônimo disfórico*.

28 de maio a 03 de junho de 1867.

Agora sob a margem esquerda do rio Miranda prosseguem os sobreviventes rumo a Nioaque. Em 29 ocorrem as mortes, dentre civis e soldados, do Tenente-coronel Juvêncio e do Coronel Camisão. O major José Tomas Gonçalves assume o comando da coluna. O novo comandante teve a idéia de assegurar a comunicação de uma margem à outra do rio, por meio de um cabo fortemente amarrado às árvores de ambas as barrancas. Transportaram-se nos dias seguintes o que restara das munições e dos alimentos. Apenas no dia 02 de junho recomeça-se firmemente a caminhada. Após passarem pela mata do Canindé, no outro dia chegam a Nioaque e encontram o vilarejo abandonado pelos seus moradores, pois fora saqueado pelas tropas inimigas que queimaram tudo o que viam pela frente, exceto a Igreja. A preservação do prédio teve como finalidade servir de subsídio para a execução de uma armadilha feita pelos paraguaios. Há a sua explosão que resultou na morte de mais quinze soldados brasileiros. Findou-se a retirada (TAUNAY, 1978, p.145-165).

A partir do dia 28 de maio de 1867, até chegarem a Nioaque, a Coluna brasileira passa pelas Fazendas *Jaguaretê*, *Buriti*, *Ingá verde*, *Santa Teresa* e *Rancho Alegre*, pelo córrego *Buriti*, pela mata e pelo rio *Canindé*, pelo rio *Nioaque* até alcançar o vilarejo nioaquense que era cortado pelo córrego *Urumbeva* (FIGUEIRÓ; MATTOS, 2003, p. 35-39).

Jaguaretê, do tupi *yaguar- etê*, traz em voga uma espécie de animal típica em Mato Grosso do Sul: a onça (SAMPAIO, 1987, p.244). *Etê* revela o ânimo daquele que criou essa designação, já que significa *verdadeira*, a onça verdadeira. Já *Canindé*, segundo Sampaio (1987, p.179), designa a arara de azul retinto e amarelo. São, pois, *zootopônimos* que revelam o quão significativa foi a migração da etnia indígena tupi em todo o território nacional, sendo mais recorrente a sua influência nas taxionomias de natureza física, como por exemplo, nos *fitotopônimos* e nos *zootopônimos*. Referindo-se a essa disseminação, Dick (1992, p.127) argumenta que:

pode ser atribuída não só à maior mobilidade geográfica ou mesmo sócio-cultural, como também à ação religiosa dos missionários e à participação das antigas bandeiras, que difundiram a língua dita então geral, dilatando conseqüentemente, a área ocupada por esses indígenas.

Nota-se que esses nomes de origem tupi geralmente “fotografam” a realidade que nomeiam com uma fidelidade ímpar, a ponto de muitas vezes tornarem-se redundantes as explicações sobre o objeto denominado. Verificamos nitidamente esse fenômeno quando Lery (apud DICK, 1990, p.258), para expressar o que para o tupi significa *jaguara*, tem que se valer de várias características e justificativas para fazê-lo coerentemente com o que realmente esse animal representa para esse povo:

Existe nesse país um animal chamado Ian-u-are pelos selvagens, o qual tem pernas quase tão altas e é tão veloz na carreira quanto o galgo [...], com pelos no mento e a pele lindamente manchada. Os selvagens temem esta fera, pois vivem de presa como o leão, e quando pode agarrar algum índio, o mata, despedaça e devora.

Se observarmos os *fitotopônimos* *Buriti*, *Ingá Verde* e *Urumbeba*, constataremos, mais uma vez, que, via de regra, na nomenclatura indígena, a vinculação toponímica aos traços ambientais torna-se uma constante (DICK, 1992, p.41).

Advindos também do tupi, *Buriti* (*mbiriti*) nomeia uma palmeira que emite um líquido (SAMPAIO, 1987, p.171), *Ingá* (*y-igá*) denomina uma árvore de até 10 m de altura, comum em regiões tropicais, temperadas da América cultivadas muitas vezes como sombreiras, como ornamentais ou pela polpa doce dos frutos (HOUAISS, 2001), e *Urumbeba* (*ymira + mbeba*) designa a madeira chata ou em forma de espátula, o cardo de folhas grossas chatas (SAMPAIO, 1987, p.339). Essas espécies são encontradas em solos tipicamente hidromórficos que fornecem condições ideais para a sua proliferação e sobrevivência (CAMPOS, 1969, p.26). Considerando que esse solo é típico nas localidades pesquisadas, parece-nos que mais uma vez os aspectos topográficos aliados à fauna da região tenham interferido no batismo desses acidentes físicos.

A nomeação de propriedades rurais com a utilização dos elementos lingüísticos *São* ou *Santo(a)* foi muito recorrente no *corpus* estudado. Todavia, como Dick (1992, p.109) já havia ressaltado, não raras vezes, a fim de prestar homenagens a uma pessoa que tenha feito parte da história da região, o denominador empresta ao topônimo uma aparência religiosa que nem sempre corresponde à realidade, o que acaba dificultando a própria classificação tipológica do item analisado. Assim, quando faz parte do hagiológico romano pode ser classificado como *hagiotopônimo autêntico*. Todavia, apenas a consulta a fontes como a escritura da propriedade, o contato real com o denominador e com o objeto designado é que poderiam esclarecer e corroborar ou não as hipóteses levantadas acerca da motivação toponímica. *Santa Teresa*, a princípio, é classificada como *hagiotopônimo autêntico*, mas nada impede que se esteja sacramentando, por exemplo, o nome da proprietária rural daquela fazenda, o que o tornaria um *hagiotopônimo aparente*.

Já na nomeação da Fazenda *Rancho Alegre*, encontramos um caso de *ecotopônimo* em virtude de o termo específico do topônimo fazer referência a um tipo de habitação. De origem espanhola, a lexia *rancho*, em 1535, já era utilizada para designar inicialmente qualquer lugar que servisse para acomodar soldados, marinheiros e pessoas que viviam fora do povoado (HOUAISS, 2001). Sinônimo de cabana rústica, desde que protegesse do sol, da chuva e do vento, sua função precípua era acolher, em um determinado local, aqueles que procurassem abrigo a fim de descansarem da labuta matinal. Ainda é um tipo de habitação muito

utilizada por trabalhadores rurais em propriedades que não disponham, por exemplo, de uma sede. O adjetivo *Alegre*, por sua vez, recupera a expectativa positiva do denominador frente ao referente nomeado, ou seja, ainda que seja uma cabana rústica, muitas vezes construída de pau a pique e coberta de folhas, pode ser um local *alegre* por proporcionar a interação descontraída dos trabalhadores no momento de descanso.

Já o topônimo *Nioaque* configura-se como um designativo particularmente complexo, no que diz respeito à identificação da sua real motivação. A permanente procura por esclarecimentos históricos que podem desvendar esse enigma demonstra o quanto os aspectos lingüísticos estão correlacionados aos extralingüísticos, quando se trata de pesquisas toponímicas. As várias maneiras como o nome tem sido grafado em documentos antigos já causa polêmica, no que tange à origem etimológica. Um historiador desse município (DALMOLIN, 2004) assinala algumas hipóteses que nos chamaram a atenção.

Por ter sofrido alterações fonéticas e morfológicas, a palavra *Nioaque* aparece em registros precedentes grafado de formas variadas capazes de dificultar o resgate das causas que justificam a sua própria essência. Dentre essas, destaca-se *Anhuac* (*anhu*= clavícula + *yac*= quebrada) e *Nhuaque*. De acordo com Dalmolin (2004, p.35), essa segunda forma foi encontrada em alguns manuscritos e documentos de origem paraguaia que narravam a Guerra da Tríplice Aliança. Complementa o autor que, etimologicamente, *anhuac*, de origem guaicuru, significa *Clavícula Quebrada*, enquanto a outra resulta da junção de *nhu* (campo)+ *a ke* (de dormir), designando o local onde se faziam paradas para descansar ou dormir durante viagens ou caçadas. Dentre os dicionários consultados para esta pesquisa, não encontramos subsídios para corroborar ou não com essas versões.

O mistério ainda perdura quando nos deparamos com as diversificadas lendas que envolvem esse nome, registradas por Dalmolin (2004, p.35-39), que traduzem a visão de mundo particularizada de cada grupo indígena que versa sobre o assunto. Na versão dos descendentes dos *tupi-guaranis*, o Rio Nioaque localizava-se em meio ao território habitado por essa tribo que, ora desbravando os sertões, ora fugindo dos brancos ou em busca de caça, encontravam nas margens desse rio condições ideais para pernoitar e descansar da lida do dia-a-dia. Chamavam-no em sua língua de *Nhuaque* (*Nhu* = campo + *aque* = dormir). Já para os *Guaicurus*⁸, que foram os habitantes nativos encontrados pelos primeiros homens brancos que pisaram as terras nioaquenses, o que motivou a nomeação do rio e, conseqüentemente, do município foi um acidente ocorrido com um dos filhos do cacique dessa tribo às margens desse riacho que, na ocasião, teria lesionado a clavícula (DALMOLIN, 2004, p.36-38).

Contam os *Guanás*⁹ que, certa vez, em uma de suas caçadas, um dos índios ouviu entre as matas um movimento de folhas. Aproximando-se avistou um veado que se dirigia às águas do riacho. Imediatamente lançou sobre o animal uma flecha certeira, ferindo-o na clavícula. Percebendo que o animal havia tombado, mas não morrera, agarrou-o e gritou aos seus companheiros: “_ *Anhoac! Anhoac!*”. Em decorrência desse acontecimento e percebendo os nativos que aquela espécie de presa era abundante naquela região, passaram a denominar o rio de *Anhoac*. (DALMOLIN, 2004, p.38).

Para os *terenas*, semelhante à versão dada pelos guaicurus, o rio *Anhuac*, *Nioac*, teria sido originado após a queda de um índio que montava a cavalo às margens das águas cristalinas (DALMOLIN, 2004, p.39).

Esse exemplo ilustra o quão complexa e trabalhosa é a tarefa do pesquisador na busca pela motivação de um topônimo. Optamos pela não classificação desse topo por entendermos que as versões identificadas para explicação da origem desse nome não forneceram subsídios suficientes para a construção de uma hipótese coerente que demonstrasse a motivação do denominador na escolha desse nome. Portanto, Nioaque continuará desafiando-nos quanto à busca da motivação que deu origem a esse topônimo.

4. Considerações Finais

Neste artigo apresentamos e analisamos um recorte dos topos que não só nomearam como direcionaram as tropas brasileiras a retornarem de Laguna (PY) a Nioaque (BR), no decorrer da Guerra do Paraguai, quando lutavam em prol a defesa dos interesses da Pátria. Sob esta perspectiva, ao refazermos o percurso da Retirada da Laguna na atualidade, conseguimos recuperar, ainda que parcialmente, a visão de mundo que tanto os denominadores dos séculos XVIII e XIX quanto os do século XX projetaram sobre os acidentes físicos e humanos a que este caminho contemplou.

⁸ Os índios Guaicurus eram conhecidos pela boa montaria e por terem sido uma das primeiras tribos a dominar a técnica de domesticação dos cavalos a fim de servirem como meio de transporte (DALMOLIN, 2004, p.37).

⁹ Os índios da tribo Guaná situavam-se à margem esquerda do rio Paraguai e mantinham um relacionamento pacífico com os brasileiros e os guaicurus. Dedicavam-se à tecelagem de algodão e à lavoura, além da caça e pesca (DALMOLIN, 2004, p.38).

5. Referências bibliográficas

CONTI, D. S. *O Santo do Dia*. 4ªed. Petrópolis: editora Vozes, 1990.

CORREA, V. B. *Fronteira Oeste*. Campo Grande: Editota UFMS, 1999.

CUNHA, A. G. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2ªed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

DALMOLIN, J. V. *Nioaque: contexto do século XIX*. Na história do Mato Grosso do Sul e do Brasil. Nioaque, 2004. CD Room.

DICK, M. V. P. A. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Edições Arquivo do Estado, 1990.

_____. *Toponímia e Antroponímia no Brasil*. Coletânea de Estudos. São Paulo: FFLCH/USP, 1992.

ISQUERDO, A. N. *O fato lingüístico como recorte da realidade sócio-cultural*. 1996. Tese (Doutorado). Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara, 1996.

FIGUEIRÓ, R. M. e MATTOS, C (orgs.). *Trilha da Retirada da Laguna*. Campo Grande: Assembléia Legislativa de Mato Grosso do Sul, 2003.

GONSALVES, D. L. *Um estudo da toponímia da porção Sudoeste de Mato Grosso do Sul: acidentes físicos e humanos*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2004.

GUASCH, A; ORTIZ, D. *Diccionario castellano-guarani; guarani-castellano*. 13. ed. Paraguay: Centro de Estudios Paraguayos “Antonio Guasch”. Asunción, Paraguay, 1998.

GUIMARÃES, A. V. *Mato Grosso do Sul: história dos municípios*. Campo Grande, 1998.

_____. *Mato Grosso do Sul: sua evolução histórica*. Campo Grande: editora da UCDB, 1999.

HOUAISS, A; VILAR, M. S. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

IBGE, 2002. CD Room.

ISQUERDO, A. N. *O fato lingüístico como recorte da realidade sócio-cultural*. Araraquara-SP, Tese de Doutorado. UNESP, 1996.

RAVAGNANI, G. T. P. e RASLAN, L. L. *Características do Mato Grosso do Sul*. Secretaria de Educação. Coordenadoria Geral da Educação. Centro de Documentação CEUD/UFMS, Dourados:s.d.

SALAZAR-QUIJADA, A. *La toponímia em Venezuela*. Caracas: Universidad central de Venezuela, Facultad de Ciências Econômicas y Sociales, 1985.

SAMPAIO, M. A. *Vocabulário guarani português*. Porto Alegre: L&PM Editores, 1986.

SAMPAIO, T. *O tupi na geografia nacional*. 5.ed. São Paulo: Editora Nacional; Brasília, DF:INL, 1987.

TAUNAY, V. de. *A Retirada da Laguna: episódio da Guerra do Paraguai*. São Paulo: edições de ouro, 1978.